

# Um Cidadão Arquitecto...

por Maria de Fátima Nunes

Produzir um «cartão-de-visita» para *As Arquitecturas e a Cidade. Novos Paradigmas* é um desafio, um risco mas também um deleite para o espírito. Em jeito de diálogo com este *Cidadão Arquitecto* fomos montando glosas de pensamento e memórias de muitos diálogos urdidos ao longo de uma década de convivência com João Sousa Morais, Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Destacamos, em primeiro lugar, o cidadão unidimensional que gosta de cruzar e rasgar várias culturas e vários reptos. E aprecia pensar, pensar o papel do arquitecto na configuração da casa do Mundo, com a componente de cultura científica associada à alegria de esgrimir saberes de humanidades e de artes.

João Sousa Morais pensa com as viagens e as páginas dos livros, da biblioteca privada e das bibliotecas que foi tecendo ao longo da sua vida pessoal e profissional. E nessas bibliotecas de memórias de referência e de afetos, quase explosivos, encontram-se o cinema, as cidades em forma de narrativa de várias escolas, europeias, americanas, brasileiras, de diálogos culturais e civilizacionais que são sempre um ponto de assombro. Um momento de parar, rever, reler, cotejar, e lançar novos caminhos para novas conversas. Foi assim que fui aprendendo a conhecer o meu Amigo, e forjando la-

ços de grande cumplicidade. Pretextos? A retórica burocrática das Universidades: concursos, provas, pensar em projetos, discutir ideias para seminários e afins. Mas, ir trabalhando com João Sousa Morais deixa-nos a ideia clara e luminosa que a Universidade deve ser um Mundo, no sentido etimológico de José Pedro Machado: «Universidade [provém] do latim 'universitate', "universalidade, totalidade, conjunto; corpo, companhia, corporação, comunidade". É o eterno retorno de erudição de, diálogos ecuménicos e realidades de intemporalidade que se cruzam no encanto de ser arquitecto; essa magia que sabe transformar em construções para habitar o «canto chão» do Alentejo, ou as cidades invisíveis de Italo Calvino para nos servir de entrada à Arquitectura de África, com Pancho Guedes, lado a lado com a *Cidade de Deus*, de Ferrando Meireles, no Rio de Janeiro.

Estamos, pois, perante um pensamento livre, desafiante, por vezes provocador na escrita e na gestão interna de entendimentos que tenta, racionalmente, alinhar neste conjunto de ensaios em quatro capítulos, que se cruzam, que falam entre si. Escrita em métricas diferentes, doseadas pelo ritmo de tempo de excepção de uma pandemia, talvez balanceada pela voz do interior que chegava até à caneta de tinta permanente (especial, pessoal e intransmissível) do *Cidadão Arquitecto*, para

rasgar interrogações e utopias em forma de escrita. Partir de um conceito – paradigma – e ser muito disruptivo, fazendo a arqueologia das ideias, das imagens, das materialidades, da memória histórica e do tempo dos homens das cidades até à sala de estiradores e tecnologias avançadas de *wireless* de uma qualquer de sala aula de uma Faculdade de Arquitectura, neste milénio.

Duas profissões impressionam o nosso ensaísta, a de médico e a de arquitecto. Campos interdisciplinares que, segundo o seu pensar, se aproximam e aos quais João Sousa Morais junta várias tribos de conhecimento útil, como a sociologia, o urbanismo, a história, a história de arte, a filosofia. Mas a emoção de ADN de arquitecto, que gosta de cidades, encaideia com a vivacidade de ensaísta e, propositadamente trai, página a página, o esforço de alinhar racionalmente uma narrativa produzida e pensada em tempo de pandemia. Quando as cidades se fecharam. Quando o espaço público ficou interdito. Quando o espaço urbano foi redefinido em imagens estranhas, quase maquetes de edifícios reais, de longevidade histórica que permitem ter os centros históricos, os locais de peregrinação do turismo, a visita sagrada de ritualização viajante para todos os que gostam de peregrinar pelos territórios. O tempo de pandemia trouxe-nos outros tempos de

viver o quotidiano do nosso tempo pessoal, mas inventou também outro tempo, outro espaço, outras imagens das cidades arquitetadas e pensadas durante séculos no mundo Ocidental. E este pulsar de confinamento atravessa as páginas do nosso Cidadão Arquitecto.

Este livro de ensaios foi brotando à boca de cena de uma cenografia para pensar a Arquitectura para as cidades. E como as páginas respiram emoções, memórias, conhecimentos, utopias (muitas), críticas, quase insurreições contra um *status quo* vigente de *poder*, apetece ao leitor dialogar com o Autor. Sabe muito bem flunar linhas de textos e imagens, saltar a ordem dos capítulos, afinal eles são meramente figurações de marcação de cenas encadeadas de um script pensado com emoção.

A ordem do tempo é aqui quase arbitrária! E isso é global, é universal, é polarizador da nossa atenção para o pensamento do cidadão que tem no grande lago azul do Mundo Mediterrâneo o *ex-libris* de pensar Arquitectura para as cidades. E não se nasce génio! Cultiva-se a admiração pelos Mestres, hierarquizam-se leituras, imagens, navegações, materialidades vividas e sentidas. Um Mediterrâneo que tem Itália como ponto forte, personalizada na figura de Aldo Rossi, mestre, professor, arquiteto, acompanhado por Giulio Carlo Argan, tendo como companhia a

*Carta de Atenas*, ou os nomes Leon Battista Alberti e Vitruvius!

Assim, a historicidade das cidades é-nos apresentada pela sua memória, pelas viagens feitas, pelas viagens imaginadas e intelectualmente interiorizadas pelas leituras de livros, de biblioteca privada e de bibliotecas vividas e transformadas. Cidade com história global, cidade suada, esventrada, praticada, ensinada, como espaço de ideias, como leit *motif* para aula de estudantes, sendo clara a voz do docente com espírito público de serviço crítico, criativo, entusiasmante, disruptivo de alinhavos cristalizadas, para enfrentar os tempos rotulados de modernidade e de pós-modernidade.

Nas páginas escritas sentimos o olhar do cidadão em viagem – Europa, Brasil, África – espaços que se cruzam e constituem o núcleo científico da sua produção de investigador, enquanto docente de Arquitectura, com uma conectividade com gerações de estudantes de doutoramento, com colegas de profissão e até com historiadores!

O ensaísta lança ainda em jeito de *O Grito*, de Edvard Munch (1893), ecos de alerta em «A Última Década», para a gentrificação das cidades resultante da onda de turismo internacional. A cidade medieval acolhia e libertava, a cidade do novo milénio, com centros históricos *patrimonializados* com excelente marketing, sofreu

mecanismos variados para obrigar a sair os seus habitantes... Algo que muito incomoda o nosso *Cidadão Arquitecto* que procura sulcar na utopia e na imaginação do «desejo arquitectónico» como alívio para o devir, para o tempo imediato de ressuscitar as cidades após a pandemia. Enfim, mil e uma ideias que fazem parte do alinhamento do livro que seduz à leitura e é um convite para ser lido em esplanada, frente ao rio, ou em algum *garden roof bar* pós-moderno, com um bom vinho, em final de tarde com gaivotas ao longe.

E se as salas de ensino de Arquitectura se pudessem transferir para estes locais arejados e inspiradores? Provocação para se tecerem laços de intimidade intelectual com o nosso Autor.

Universidade de Évora, 31 de Agosto 2021